
A origem da imprensa Conquistense: jornalismo e política no interior da Bahia¹
Dannilo Duarte²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Palavra-chave: Imprensa; jornalismo; política; cotidiano.

A história de um povo ou sociedade é construída e reconstruída a todo o momento. Contar a história e formação de uma localidade é fundamental para a preservação da sua dimensão histórica e cultural. Ao contar uma história de uma cidade é comum fazermos um recorte social e cultural e esse é o nosso objetivo, pois visamos pesquisar sobre uma parte específica da história de Vitória da Conquista. Dessa forma, objetivamos pesquisar e apresentar como se deu a formação dos principais veículos de comunicação do município nos séculos XX e XXI. Vitória da Conquista sempre foi uma importante cidade da Bahia, com forte atuação na política baiana e com forte desenvolvimento econômico para a região Sudoeste. Esta influência e este desenvolvimento possui uma relação direta também com o surgimento dos principais veículos de imprensa desde o início do século XX. Portanto, queremos contar parte da história da cidade a partir dos seus meios de comunicação e suas relações sociais, culturais e político-econômicas. Isso implica dizer que é preciso tomar consciência de como os principais veículos de imprensa e mídia se constituíram e como mudou a forma das pessoas lerem o mundo, de se informarem, de se encontrarem e de se relacionarem com os outros. Por fim, é evidente a carência informações acerca da mídia conquistense, pois, em uma pesquisa prévia, identificamos que não há nenhuma produção científica sobre a história dos meios de comunicação locais e nenhum livro ou artigo a esse respeito. Há algumas produções feitas por jornalistas e memorialistas locais. Neste momento iremos apresentar um análise a partir de um recorte temporal das décadas de 1910 a 1940, apresentando o surgimento do primeiro jornal impresso de Vitória da Conquista e os periódicos que nascem posteriormente, bem como suas relações com a sociedade e política local.

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Uesb. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Jornalismo - GPEJOR. Coordenador do Laboratório de Telejornalismo do curso de Jornalismo da UESB.

Para trilhar os caminhos que nos levaram até aqui, partimos do método baseado na História Oral, pois “é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (DELGADO, 2006, p.15). É a estratégia metodológica que dá base à produção de fontes oriundas de depoimentos. Dessa forma, a partir dos documentos como jornais, revistas, atas de fundação, publicações e depoimentos de pessoas envolvidas nos meios de comunicação, serão tratadas como fonte de trabalho para o pesquisador.

Assim, do ponto de vista metodológico, em primeiro lugar, é imprescindível o levantamento e a leitura de estudos existentes sobre a história local da cidade, seus aspectos de formação política e cultural. Em seguida, buscaremos informações sobre a história dos meios de comunicação da cidade, seu crescimento e expansão. Fazemos um levantamento histórico dos primeiros jornais e revistas, publicados entre 1910 a 1940, a partir dos arquivos do Museu Regional da Uesb, do Arquivo Municipal de Vitória da Conquista, do Memorial Régis Pacheco, Câmara de Vereadores e coleções particulares de jornais antigos.

Lançaremos mão também da Análise do discurso, a partir dos estudos de Eliseo Veron (a partir dos anos 1970), buscando a superação da análise interna, de uma determinada obra, ou seja, do texto encerrado em si mesmo. Partindo para uma análise da produção do sentido, influenciado pelas gramáticas gerativas que, a partir de um texto, se propunha a reconstituir o processo de criação do sentido a partir das condições de produção do texto (VERÓN, 2005). Ou seja, em quais condições determinado texto foi produzido e em qual contexto histórico e social. Isso nos ajuda olhar para o surgimento dos jornais que iremos analisar. Em outro momento, Verón (1980) diz que o processo de produção de um discurso tem sempre uma forma de operações discursivas, operações nas quais matérias significantes são investidas de sentido (VERÓN, 1980).

Para melhor entender essas relações entre história, imprensa e poder, trazemos o conceito de “rugosidade” de Milton Santos (2006), pois o autor, as rugosidades são os “restos” ou heranças das formas produzidas por períodos anteriores. Elas incluem elementos como estradas, ferrovias, edifícios, bairros e outras infraestruturas que continuam influenciando as ações do presente, assim como os jornais. Assim, o espaço não é uma superfície homogênea nem totalmente renovada; ele é composto por camadas

históricas que coexistem. Dessa forma, rugosidade é o conjunto de formas materiais e heranças espaciais produzidas por tempos históricos anteriores que permanecem no território e influenciam as dinâmicas econômicas, sociais, políticas e culturais do presente. Assim, percebe-se que os primeiros jornais conquistenses, trazem consigo essa rugosidade como uma herança cultural e política (SANTOS, 2006, pg. 92).

Arelado ao conceito de rugosidade, Santos (2006) nos apresenta também o que ele chama de **espaço de fluxos**, o que corresponde à dimensão dinâmica do espaço geográfico, constituída pela circulação contínua de pessoas, mercadorias, capitais, informações, energia e ordens. Esses fluxos só existem porque utilizam uma base material — estradas, portos, aeroportos, redes de telecomunicações, satélites, cabos de fibra óptica, entre outras infraestruturas — que integra o que Santos denomina de **sistema de objetos**. Mais uma vez, os jornais e a imprensa se localiza como mercadoria, como informação e como capital político e simbólico. Os dois conceitos são complementares na interpretação de Milton Santos, pois: rugosidade refere-se às heranças materiais e históricas presentes no território, que expressam tempos passados e condicionam os usos atuais do espaço. Já o espaço de fluxos, refere-se à dinâmica contemporânea da circulação e da comunicação, impulsionada pelo meio técnico-científico-informacional. (SANTOS, 2006, p. 201).

A Conquista: o primeiro jornal impresso de Vitória da Conquista

Há um ditado popular que diz que não há nada mais velho ou antigo do que as notícias do jornal de ontem. No entanto, os jornais de ontem, de décadas atrás ou do século passado, nos contam muitas histórias sobre a formação e o contexto de uma determinada sociedade. Além disso, um jornal antigo, conta a história de si mesmo, da imprensa e dos personagens envolvidos na construção dele e das notícias ali veiculadas e da própria localidade e seu contexto. Dessa forma, mergulhamos na busca dos primeiros jornais que iniciam a história da imprensa de Vitória da Conquista, terceira maior cidade da Bahia. Esse desafio de contar a história social e cultural da imprensa conquistense se inicia a partir dos anos de 1910.

Segundo Oliveira (2005) de acordo com “historiadores e pessoas mais idosas da cidade, um pequeno jornal manuscrito, feito por Ernesto Dantas Barbosa, de nome A

Palavra, foi o primeiro periódico de Conquista, mas não sobrou um exemplar para contar a história” (OLIVEIRA, 2005, P.65). Como informa o autor, se tratava de um manuscrito, mas em termos de jornal impresso em tipografia, A CONQUISTA foi o primeiro semanário da cidade. Para Oliveira (2005) o nascimento do jornalismo em Vitória da Conquista (1910-1920) foi marcado por tragédias na época dos coronéis, “os quais não toleravam críticas e denúncias contra suas pessoas e seus atos” (p.65)

Segundo pesquisas realizadas no arquivo municipal de Vitória da Conquista, na Revista Histórica de Conquista³ (VIANA, 1985) e em uma coleção particular do professor e advogado Dr. Ruy Medeiros, o primeiro jornal impresso da cidade foi fundado em 14 de maio de 1910. O jornal semanário A CONQUISTA, foi criado pelos advogados Bráulio de Assis Cordeiro Borges e José Desouza Dantas. Em sua primeira página, A Conquista se intitulada em caixa alta de um “HEBDOMANDÁRIO INDEPENDENTE”.

A ideia da fundação de um jornal neste Cidade, impresso em máquina, cresceu e frutificou tornando-se realidade graças a clarividência dos audaciosos vultos que passaram para a Nossa História: Drs. Bráulio de Assis Cordeiro Borges e José Desouza Dantas (assinava ‘Desouza’), ambos bacharéis em Direito e de comprovada cultura, que instalaram a “Tipografia Minerva” situada na Rua Município de São Vicente, e enfrentaram as maiores dificuldades da época, transportando todas as barreiras encontradas na obstinada luta e imprimiram o primeiro jornal que circulou nesta querida Terra no memorável dia 14 de Maio de 1910, que em homenagem à cidade, recebeu o nome de A CONQUISTA” (VIANA, 1985, p. 726 -727).

Mas, essa independência durou pouco, pois segundo Anibal Viana, em publicação da Revista Histórica de Conquista – livro 2, informou que de sua fundação até Novembro daquele ano: hebdomadário independente, sendo redator Desouza Dantas e redator secretário Bráulio Borges. Mas, “em Dezembro de 1911, era órgão do ‘Partido Republicano Conservador’ sendo redatores, Desouza Dantas, seu irmão Euclides de Souza Dantas e Manoel Dantas Barbosa, filho de Ernesto Dantas Barbosa” (VIANA, 1985, p. 727)”.

Segundo Viana (1985), o jornal foi vendido alguns anos depois para a propriedade e direção de Climério Pinto, sendo o novo comprador a informar para sociedade, por meio

³ Cabe ressaltar que A Revista História de Conquista (VIANNA, 1985), não se trata de uma publicação acadêmica ou científica. Trata-se de uma revista editada por um jornalista local, em que copilava notas de acontecimentos distintos ocorridos na cidade e região. Uma espécie de diário noticioso, que foi sendo escrito ao longo de anos e teve reunido diversos assuntos, inclusive, o surgimento de alguns jornais da cidade, a chegada do telégrafo, das rádios, etc., mas por meio de notas curtas.

de cartas a aquisição da gazeta. “Com a retirada de seus primeiros diretores para Salvador ‘A Conquista’ continuou a ser editada sob minha responsabilidade e de meu inesquecível amigo e companheiro de luta Euclides de Souza Dantas” (VIANA, 1985, p. 727). Com a ida de Euclides de Souza Dantas para Salvador, ele vendeu a sua parte da oficina, onde o jornal era impresso, para Climério Pinto, que assumiu inteiramente a gráfica e o jornal A Conquista. Após assumir o jornal, Climério nomeia Hormindo Cunha como seu novo redator. A Conquista circulou na cidade durante 6 anos.



Jornal A Conquista de 17 de Julho de 1911. Fonte Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

Segundo Viana (1985) e em consonância com alguns registros encontrados no Arquivo Público Municipal, outras publicações circularam na cidade a partir de 1912. O autor denominou de mini jornais, como O Cravo, que também era impresso na Tipografia Minerva, mesma tipografia que imprimia A Conquista. E também o jornal A Rosa, publicado antes de O Cravo. A Rosa era um pequeno jornal literário, dirigido por Deoclides Pereira Novais, e circulou até novembro de 1915. O Cravo foi publicado em 15 de novembro de 1912, pelo Coronel João Pereira da Silva e Anacleto Aleluia. Segundo Viana, o jornal era humorístico, instrutivo e recreativo. “No seu artigo de apresentação está escrito: Tímido, receoso e humilde aparece hoje ‘O CRAVO’ na arena da publicidade”. Segundo Viana, o Cravo surge como uma resposta A Rosa, mas não eram rivais, pois os periódicos tinham propostas distintas.

O segundo jornal mais importante na segunda década do século passado, foi O Conquistense, fundado em 21 de maio de 1916 por Alziro Prates e o advogado Odilon

Silva, com tipografia própria situada na antiga Praça 15 de Novembro, instalado em uma casa ao lado do Paço Municipal. “Jornal de muito boa feição, de tamanho 4, bem dirigido e redigido. O Sr. Ernesto Dantas foi seu brilhante colaborador” (VIANA, 1985, p.727).

O jornal O Conquistense era um jornal político, de oposição ao Partido Republicano Democrata da Bahia, que possuía diretório em Vitória da Conquista, chefiado pelo então Coronel Gugé, "cuja facção local, recebeu popularmente o nome de “Peduros” ou “Pesduros”. O jornal focalizado fazia a cobertura política dos adversários do Cel. Gugé, que eram chamados de “Meletes”” (VIANA, 1985, p.729). O Conquistense sustentava uma rivalidade com o jornal A Palavra, que defendia os interesses dos Peduros, ligados ao Coronel Gugé. A Palavra ficava a cargo de um sobrinho do Cel. Gugé, Manoel Fernandes de Oliveira, conhecido como Maneca Grosso, que respondia as críticas publicadas no Conquistense.

REFERÊNCIAS

- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 35-68.
- DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GEERTZ, C. **O saber local**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997,
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.
- MEDEIROS, et all. **Poder político e educação nas primeiras décadas do Século XX**. Anais do VIII Colóquio do Museu Pedagógico, Vitória da Conquista, 09 a 11 de setembro de 2009.
- OLIVEIRA, J. M. **A imprensa e o coronelismo no sertão do Sudoeste**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2005.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- VIANA, A. L. **Revista Histórica de Conquista**. V. 1 e 2. Impressão Gráfica de O Jornal de Conquista, Vitória da Conquista, Ba, 1985.
- VERÓN, E. **La semiosis social**, 2 – ideas, momentos, interpretantes. 1ª. Ed., Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Paidós, 2013.
- _____. **A produção do Sentido**. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cultrix, 1980
- _____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2005
- THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.